

Bracher acredita que acordo sai no fim do ano

Washington — O Brasil busca amplo acordo com os bancos privados e acha que pode conseguir em fins de 1987, não tendo interesse num acordo de curto prazo, afirmou ontem o assessor para a dívida do Brasil, Fernão Bracher.

"O Brasil não tem interesse num acordo provisório", frisou Bracher à saída de uma reunião com o subsecretário norte-americano do Tesouro, David Mulford. "Queremos uma solução final", enfatizou.

Sem mudanças

Sorridente e calmo, Bracher disse que o encontro de quase três horas com Mulford foi "muito agradável", mas se limitou a uma troca de informação sobre as posições do Brasil e dos Estados Unidos a respeito da dívida externa brasileira e das negociações com os bancos comerciais.

"Não há mudança na posição brasileira, não há mudança na proposta que o Brasil apresentou aos bancos em 25 de setembro", esclareceu Bracher.

Em fins de setembro, o Brasil apresentou uma proposta para refinarçar parcialmente os juros vencidos em 1987, e a vencer em 88 e 89, no valor acima de 10 bilhões de dólares, e para refinarçar a dívida com "spread" zero e ainda

com a conversão de parte dos compromissos em títulos por sua vez não financiáveis, mas de forma voluntária, com os juros desses bônus variando de acordo com o comportamento da economia brasileira. Porém Bracher ontem reconheceu que "o acordo final (com os bancos) será diferente".

Confusão

Sobre a questão do pagamento de juros, de forma simbólica, mas que de fato suspenderia de alguma forma a moratória de fevereiro, Bracher declarou: "Está havendo uma grande confusão", em seguida, em tom retórico, insistiu em que "não haverá pagamento simbólico, uma vez que o objetivo das negociações é uma conclusão satisfatória para o Brasil, por um caminho satisfatório, dentro de uma linha válida que garanta o crescimento econômico".

Bracher acrescentou que o tema do pagamento simbólico "não fez parte das conversações" com Mulford. Perguntado se buscava um acordo provisório com os bancos comerciais, considerando que até 26 de outubro, se não receberem juros atrasados, as instituições norte-americanas terão que fazer nova reclassificação negativa dos créditos brasileiros, Bracher respondeu: "O Brasil não quer

acordo interino", em seguida, enfatizou: "Não queremos distrações".

Ao ser indagado para quando esperava a conclusão de um acordo definitivo com os bancos comerciais, respondeu: "Para o fim do ano". Trajando terno azul, camisa branca e discreta gravata em azul e cinza, Bracher admitiu que os bancos estão preocupados com o 26 de outubro, porém reiterou que nos contatos iniciais, especialmente numa reunião em Nova York no dia 2 passado, quando os bancos apresentaram seus princípios de negociação, "existem as bases suficientes para as conversações".

Progresso

Insistindo em que "há indícios de um progresso substancial", o assessor brasileiro para a questão da dívida concluiu: "Agora vou viajar para Nova York e amanhã (hoje) terei o prazer de me reunir com os bancos às 9h30 da manhã", e sorrindo frisou: "Com o comitê dos bancos, completou".

Ele se declarou ainda disposto a permanecer de vez nos Estados Unidos até que se chegue a um acordo final para a dívida brasileira: "Posso ficar aqui até o dia 26 necessário, mas posso também passar o Natal por aqui".